



**Pedro Duarte de Andrade**

**Estio do tempo:  
o amor entre arte e filosofia  
na origem do romantismo alemão**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Eduardo Jardim de Moraes

Rio de Janeiro, agosto de 2009



**Pedro Duarte de Andrade**

**Estio do tempo:  
o amor entre arte e filosofia  
na origem do romantismo alemão**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Eduardo Jardim de Moraes**

Orientador

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

**Profa. Katia Rodrigues Muricy**

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

**Prof. Luiz Camillo Osório**

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

**Prof. Bernardo Barros Coelho de Oliveira**

Universidade Federal do Espírito Santo

**Prof. Pedro Sússekkind Viveiros de Castro**

Universidade Federal Fluminense

**Prof. Patrick Estellita Cavalcanti Pessoa**

Universidade Federal Fluminense

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**

Coordenador Setorial do Centro  
de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2009

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da Universidade.

### **Pedro Duarte de Andrade**

Graduou-se em Comunicação Social na PUC-Rio em 2002.  
Mestre em Filosofia pela PUC-Rio em 2005.

#### Ficha catalográfica

Andrade. Pedro Duarte de

Estio do tempo: o amor entre arte e filosofia na origem do romantismo alemão / Pedro Duarte de Andrade; orientador: Eduardo Jardim de Moraes. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2009.

277 f.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia.

Inclui referências bibliográficas

1. Filosofia – Teses. 2. Arte. 3. Romantismo. I. Moraes, Eduardo Jardim de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

## Agradecimentos

ao Eduardo Jardim de Moraes, pela amizade e pela sabedoria de orientar, desde cedo, para que eu buscasse algum caminho próprio;

à Katia Muricy, cujo pensamento ofereceu diálogos, falados ou não, que estiveram sempre presentes comigo neste trabalho;

à Irley Franco, cujo convite para dar aulas sobre o romantismo alemão no curso de pós-graduação que coordena esteve no começo deste trajeto;

ao Luiz Fernando Valente e a todos os professores e amigos que estiveram por perto no período em que fui professor visitante na Brown University, nos Estados Unidos;

à Marcela Oliveira, que, além do amor e da paciência, ofereceu também para mim a leitura minuciosa de cada página (e pé de página) deste trabalho;

à Letícia Warner, alegria de mãe que tenho, e ao Peter Warner, que, além de tudo, deram o teto sob o qual o fim desta tese foi escrito;

aos professores que, de vários jeitos, ajudaram a formar a escuta que tento exercer até hoje para a filosofia e para o mundo;

aos tantos alunos que, por anos, ouviram falar das descobertas que eu fazia sobre a filosofia e o romantismo, até quando os cursos não eram sobre o assunto;

aos poucos mas tão queridos amigos que fiz graças ao convívio começado pelo acaso de estarmos juntos na pós-graduação de filosofia;

aos meus amigos e familiares que acolheram pacientemente várias ausências que foram exigidas para a execução deste trabalho;

ao Departamento de Filosofia da PUC-Rio, que durante tantos anos, desde bem antes deste doutorado, foi o espaço em que grande parte da filosofia aconteceu para mim;

à Edna Sampaio e à Diná Lucia, pelo trabalho de todos os dias;

ao CNPq e à PUC-Rio, pelo apoio financeiro concedido para este trabalho acadêmico;

ao Antonio Abranches, porque o princípio é como um deus que, enquanto permanece entre nós, tudo salva.

## Resumo

Andrade, Pedro Duarte de; Moraes, Eduardo Jardim de. **Estio do tempo: o amor entre arte e filosofia na origem do romantismo alemão**. Rio de Janeiro, 2009. 277p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese estuda a tensão que caracteriza o pensamento dos primeiros autores do romantismo alemão, situados entre a consciência crítica (kantiana), que proibia nosso acesso à verdade absoluta, e o desejo de síntese (hegeliano) que pretendia alcançá-la. Nesse contexto, a arte apareceu como forma de dizer o absoluto justamente pela oposição à clareza objetiva pretendida pelo sujeito do conhecimento. Fora do quadro tradicional do classicismo, e trazendo consigo o traço moderno da reflexão, a arte seria genial: sua criação não dependeria da obediência a regras prévias. Por sua vez, a crítica saía do paradigma avaliativo pautado em normas, tornando-se filosófica. Forçava-se, então, a transformação do contato com a antiguidade clássica, que seria agora fragmentado, ao apontar para o caráter vanguardista que abre mão da totalidade. Ironia e alegoria seriam emblemas dessa quebra, evidenciando a descontinuidade entre signo e sentido na época moderna. Habitar a linguagem era experimentar o amor entre arte e filosofia, contrariando a querela que permanecera entre ambas desde Platão. Este “estio do tempo” ocorreu, na virada do século XVIII para o XIX, com a escrita do grupo de jovens capitaneado por Friedrich Schlegel na origem do romantismo, forjando uma filosofia da arte que foi também uma arte do filosofar.

## Palavras-chave

Romantismo; arte; filosofia.

## Abstract

Andrade, Pedro Duarte de; Moraes, Eduardo Jardim de (Advisor). **Time of Quietness: The Love Between Art and Philosophy in the Origin of German Romanticism.** Rio de Janeiro, 2009. 277p. Doctoral Thesis – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis examines the tension that characterizes the thinking of the first German Romantic authors situated between (kantian) critical consciousness, which prohibits our access to absolute truth, and the (hegelian) desire for synthesis which presumes to lead us there. In this context, art emerges as a way of expressing the absolute precisely in opposition to the objective clarity intended by the subject of knowledge. Outside the traditional form of classicism and bringing with it the trace of modern reflection, art is genial in that its creation does not depend upon obedience to pre-existing rules. In turn, criticism leaves its evaluative paradigm, based on norms, and becomes philosophical. It therefore forces the transformation of the contact with classical antiquity, now fragmented, and points to the new vanguard, which surrenders the concept of totality. Irony and allegory are emblematic of this break, which shows the discontinuity of sign and sense in the modern era. Using this language means experiencing the love between art and philosophy, in contrast to the separation that has existed between them since Plato. This “quietness in time” occurred at the turn of the XVIII to the XIX Century in the works of a group of young writers led by Friedrich Schlegel at the origin of Romanticism, forging a philosophy of art that is also an art of philosophy.

## Keywords

Romanticism; art; philosophy.

## Sumário

1. Introdução – Dos extremos ao meio: arte, filosofia e vida	10
2. Breve momento de escrita: quem foram os primeiros românticos	24
3. Seres anfíbios: entre a crítica de Kant e a síntese de Hegel	46
4. Dizer o absoluto: a emergência filosófica da arte	66
5. Modernidade na arte: poesia transcendental e nova mitologia	79
6. Filosofia do romance: o gênero dos gêneros	94
7. Entre a regra e a liberdade: a criação do gênio	113
8. Do juiz ao crítico de arte: a reflexão da obra	135
9. Neo, pós ou anticlassicismo: a imitação da antiguidade na formação moderna	156
10. Fragmentos de vanguarda: a consciência do instante	177
11. Ironia, pátria da arte e da filosofia: a representação alegórica	196
12. Ler o universo, viver o poema: a linguagem como diluição do autor	219
13. Fúria apaixonada: arte e filosofia na contramão da tradição	243
14. Referências bibliográficas	264



*O que se pode fazer, enquanto filosofia  
e poesia estão separadas, está feito,  
perfeito e acabado. Portanto é tempo  
de unificar as duas.*

Friedrich Schlegel